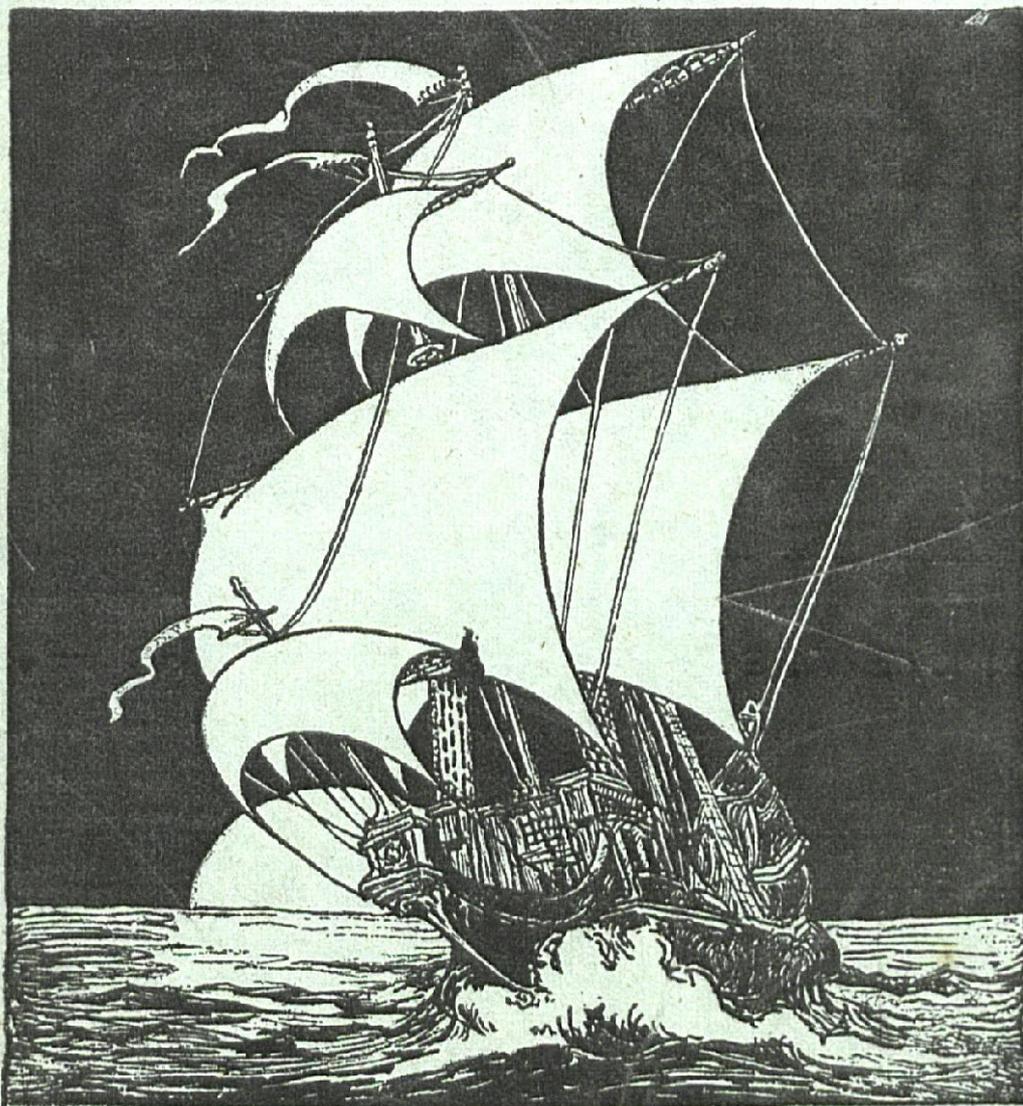


A: GALÉRA



• REVISTA DE LETTRAS-ARTE-E-SCIENCIA •

W. G. S. G.

1.º ANNO — N.º 3

6 DE JANEIRO DE 1915



⌘ Suave mari magno praeteriti
Est procedere ad futurum ⌘⌘

A GALÉRA Revista quinzenal de Letras, Arte e Sciencia. Direcção e propriedade de: Alves Martins, Costa Cabral, Ferreira Monteiro, e Nicolau Sobrinho. Secretario da redacção: José Henriques Barata. Editor: José E. da Costa Cabral.

Redacção e administração: Rua Fernandes Thomaz, 85-1.º, Coimbra.
Composição e impressão: Typ. «Minerva» de Gaspar Pinto de Sousa & Irmão, Avenida Barão da Trovisqueira, V. N. de Famalicão.

SUMMARIO DO N.º 3 (1.ª série)—6 de Janeiro de 1915:

A TEIXEIRA LOPES (Deante do Grupo de seus Paes), *Eugenio de Castro*; VENERAS, *Visconde de Vila-Moura*; JARDIN LIRICO, *Francisco Villaespesa*; A JORNADA, *Pires de Lima da Fonseca*; «...CAMPOS DO MONDEGO», *Manoel da Silva Gaio*; O DESENHO NA RENASCENÇA, *Aurora de Castro e Gouveia*; SANGUE DE IGNEZ, *Affonso Duarte*; PSYCHOLOGIA DA ARTE, *Avè-Maria*, gratia plena, *J. da Costa Cabral*; PASTOR, *Antonio Alves Martins*; IRONIA AMARGA, *Tito Betencourt*; CRITICA DE PHILOSOPHIA E RELIGIÕES — Genese dos phenomenos religiosos em geral, *J. Mathias Lopes*; QUADRO DE AMOR, *Antonio Ferreira Monteiro*; CRITICA, *Titus*. — Illustrações: Dr. Teixeira de Carvalho (caricatura-retrato), desenho de Saul d'Almeida; Caneca do estylo do Renascimento, reproducção de D. Aurora de Castro e Gouveia.

Condições d'assignatura:

Portugal e Colonias

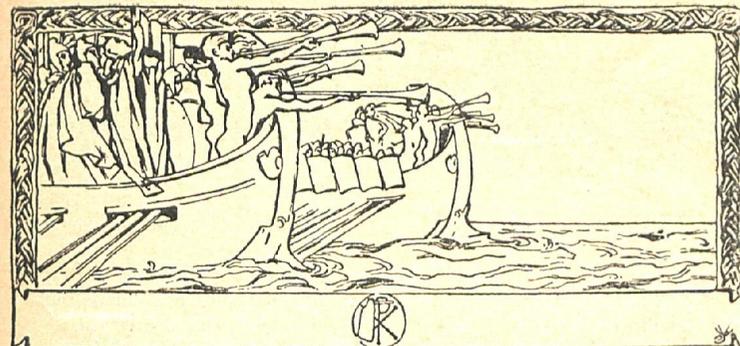
Série de 24 numeros (1 anno)	1\$60
" " 12 " (6 mezes)	\$85
" " 6 " (3 ")	\$46
Numero avulso	\$08

Brasil

Série de 24 numeros (1 anno)	10\$000
" " 12 " (6 mezes)	6\$000
Numero avulso	\$500

PAGAMENTO ADIANTADO

ANNUNCIOS: Contracto especial



A TEIXEIRA LOPES

Deante do grupo de seus Paes

A propria Gloria, ao entregar-te a sua palma,
Deante d'este grupo ajoelhará rendida!
Fizeste de teus Paes os filhos da tua alma,
Dêste a immortalidade a quem te deu a vida!

EUGENIO DE CASTRO.

VENERAS

Garrett — Dramaturgo notavel, que os fados prenderam á comedia liberal.

Aza voada de duas carcassas apodrecidas: — a Constituição e o Romantismo.

Herculano — Bonzo de orgulho, talento e duvida.

Um corção de abelhas sem azas, obreiras de amargo.

Castilho — Delirio e Treva. Alma impraticavel. A sua Arte flue columnas de sombra, o olhar mysterioso das ruinas! . . .

Soares de Passos — Esqueleto symbolo da sua Obra. Um mundo de lagrimas e espectros romanescos.

João de Deus — Millionario de rimas e graça. Pobre a abarrotar de joias que ninguem quiz.

Os restos da sua simpleza jazem nos Jeronymos, a rir, na decomposição demorada, o desprezo pelas homenagens, pelos homens . . .

Silva Pinto — Memoria de lividos clarões, que a Fortuna reduziu a fogos fatuos.

O Destino e a Arte sob um sol de Morle.

Senna Freitas — Um barrete, uma batina, uma volta . . .

Artistas, ajoelhae ao mascarado!

Gomes Leal — Emblema de Arte e Desgraça. Bronze despedaçado.

Ramalho Ortigão — Talento são e vida forte.

A sua Obra: — annos bons de lida, á penna, nos curros burguezes de Portugal e Brazil.

O seu lemma: — na Arte pelo Realismo, no mais pela Realza . . .

Guerra Junqueiro — Aguia domestica, vivendo entre gallinhas, e escrevendo com pennas arrancadas das azas, que não do peito, a historia da Patria, tórva de interesse e elegias.

A sua Arte lembra a cruz de Christo, fulgindo dôr e passado n'um peito impio.

Teixeira de Queiroz — Espelho de casa burgueza. Moldura rica e bom crystal.

Columbano — A Alma peninsular em Treva e Côr.

Tela suprema na sua galeria de *Sombrios*.

Raul Brandão — Ouçam-no! Desfila a Desgraça. Commanda a divisão dos mortos.

Sobre o esqueleto enorme — dragonas, corações, farrapos . . .
Escrevel

A um lado, fixa d'elle, a Historia chora pela primeira vez.

Perfilados, os mortos dictam!



JARDÍN LÍRICO

Mi lírico jardín es tan lozano,
y es tan fértil su eterna primavera,
que no da tregua a la labor mi mano
ni descansa jamás la podadera.

Envidia de sus propios detractores,
porque en su cerca florecida encierra
todas las frutas y todas las flores
que producen los cielos e la tierra.

Más de um ladrón, en las noches serenas,
por sus rústicos muros trepa astuto,
ávido de su lírico tesoro,

para castrar la miel de mis colmenas,
y henchir sus cestas com el rico fruto
de mis frondosos árboles de oro.

A JORNADA

(CONCLUSÃO)

CREPUSCULO

Pouco a pouco a vegetação ia-se tornando escassa.

Figueiras bravas erguiam os braços descarnados, braços implorativos de misericórdia. Oliveiras rachíticas, pinheiros esqueléticos, onde uma seiva pobre corria alimentando-os fracamente, levantavam os troncos torcidos, esguios, todos corcovados como sob o peso d'uma agonia.

Pelo chão, rastejante entre pedras, calhaus, no sólo árido e hostil, a urze lançava as raízes soffregas de frescura, delirantes da luxúria do humus sugado.

Era vazia e triste a zona que iam atravessando. Parára allí a esplendida força fecundante do sol. A dura inclemencia da terra resistia-lhe, e era como se o grande coração gelado pela Dôr, se tivesse couraçado d'insensibilidade para resistir aos madrigaes de luz, de calor, que em feixes, em ondas, cahiam como beijos de fogo sobre o seu seio.

No horizonte, para as bandas do poente accendiam-se luzes estranhas. Fulgurações de braza, tons rubros de chagas, allucinações vermelhas de desejos.

Toda a alma da terra se fundia ao contacto ardente d'aquelle supremo beijo d'amor e volupia; o céu era uma cratera incendiada.

Recolhiam passaros aos ninhos e no ar passavam azas rapidas em demanda da planicie.

Que era feito dos anseios vagos, da curiosidade immensa e dominadora da viagem, antes de juntos a emprehenderem?

Onde estavam os desejos loucos, cheios d'infundas tristezas, d'alegrias irreprimiveis, de sós, confiando um no outro, subirem a serra?

Almas que se conheciam, corpos que se entregavam, que era feito do estremecimento electricamente espontaneo que os approximára?

Certo, nada d'isso morrerá, viria ainda com o ar lavado lá do alto, onde a neve tinha reflexos offuscantes de couraça de lenda, e onde aguias voando erguiam a pupilla fixa para o brilho deslumbrante do sol.

Olhavam espantados o ermo triste, aqui e além allumiado agora pela luz esmaecida e fraca do dia que tombava. Desejos loucos os tomavam de caminhar mais rapidos, para vêr, para transpôr rapidamente o cumme que era a tentação suprema.

Soprava um vento cortante, sibilado, onde perpassava como um gume o frio acerado das alturas. Começavam apparecendo rochas enormes, e um ou outro pedaço de neve estendia-se como um espelho nas anfratuosidades cavadas dos penedos. Terra desolada, natureza morta, d'eccos acordados pelo som das vozes, pelo cadenciado tropear dos passos.

Olharam-se mudos, afflictos, sentindo aquelle silencio a pesar-lhes no coração triste.

Cantaram alto e as vozes elevaram-se na solidão, enchendo-a d'eccos distantes, povoando-a d'uma vida irreal.

Assustaram-se. Cerraram-se, e os braços pela cintura n'uma mutua protecção, caminharam mais celeres.

Trocaram beijos, mergulharam os olhos um no outro, querendo substituir pela sua luz, a luz que ia fugindo.

Tinham chegado ao alto; tudo deserto. Olharam ao longe. Névoas iam cahindo lentamente, esfarrapadas e brancas como roupagens de duendes.

Sentiram-se sós. Beijaram-se mais e mais, loucamente, perdidamente, e os olhos recebendo a caricia d'um sorriso onde ia todo a expressão de sympathia n'aquelle abandono, encheram-se de lagrimas silenciosas, calmas, serenas, como as gottas d'orvalho que pelas madrugada cahem das pétalas das flôres.

Sós!... Continuaram a andar; cantaram.

Na sombra que ia cahindo, o canto elevava-se como uma elegia tecida de sonhos desfeitos.

NOITE

Accendiam-se no céu as primeiras estrellas.

Já pelos altos a bruma ia arrastando o seu longo manto.

Confundiam-se os contornos, diluam-se as côres, e nos longes indistinctos n'um esfumado indefinido de meias tintas, o céu tomava tons azulinos d'aço, poisando sobre a terra como uma gigantesca cupula de metal. Cahia sobre a terra um vasto silencio, frio como um sudario.

Vultos d'arvores recortavam-se sinistros na treva como espectros de condemnados.

Cabeça pendida, olhos no chão, lá ia o par tropeçando, doloridos os pés da agrura dos caminhos, mortificada a alma ao peso de sonhos em ruina, embranquecidos os cabellos da neve regelada das angustias.

Partira a luz, morrerá o sol e um frio enorme, esterilisante, em que havia gumes cortantes de facas e hostilidades aggressivas d'inimigo os cobria, dominava e envolvia n'um manto de gelo.

Confundia-se o horizonte com o céu; era tudo a mesma mancha acinzentada e escura.

Noite! Noite cerrada, densa, impenetravel como um dogma, tentadora como um mysterio.

Tinham subido, subido, na ancia enorme d'attingir a altura dominadora d'onde tudo abrangessem, d'onde o seu olhar podesse, pairando como a aguia, vêr de cima as coisas reduzidas a minusculas proporções.

Na longa caminhada tinham dilacerado as mãos nas rochas, rasgado as carnes pelas veredas sulcadas d'espinhos. Tinha visto as aguas dominadoras precipitando-se em cachões, e resistido ao sortilegio da belleza tentadora dos precipícios; e agora que pouco já faltava para andar, começavam a sentir a inutilidade do seu esforço!

Tinha-lhes esquecido o caminho percorrido, sempre na ancia d'ir mais longe, mais longe, adiante, para o desconhecido. Tinha andado depressa, não olhando para trás, no anceio vago de novas coisas.

Cansavam. Para que ir adiante? E se voltassem? Por onde era o caminho? Olharam á volta.

No valle em que repousavam, transposto o cume, havia a solidão sinistra das terras malditas. Erravam sombras.

Figuras vaporosas de sonho, phantasmas errantes de delirio, povoavam o valle em que agora repousavam da longa jornada.

Interrogavam-se os olhares, e os corações ficavam mudos, exaustos, exauridos, como gladiadores tombados, cansados de lutar.

Começaram chamando cheios de terror; os eccos mandaram-lhes, ironicos, a propria voz, ouviram-se a si proprios. Uniram os labios e tiveram a impressão que se beijavam cadaveres.

Ruídos approximavam-se.

Longe, muito longe, soavam gargalhadas amortecidas pela distancia, cantos d'alegria, poemas d'amor que se espalhavam no ar, docemente, fluidicamente, como um perfume que os entontecia de saudade. Quizeram cantar tambem, mas só soluçaram.

Queriam regressar, voltar para d'onde tinham partido. Por onde era o caminho?

Na frente, recortando-se na sombra, muda, impenetravel, desesperante na immobidade de monstro, a serra recortava-se como uma massa de treva amalgamada com o céu.

Como transpôl-a de novo para voltar?

.....
O luar, subindo, deslumbrou-os com uma apparição de sonho.

Transparentisára-se a montanha como se fosse de crystal, e através d'ella viram outros pares subindo, subindo, olhos brilhantes, caras radiosas, caminhando no mesmo trilho que elles tinham pisado, na ancia sempre crescente de a galgarem.

Tombaram a chorar. Por onde era o caminho?...

Lisboa — 913.

⊗ PIRES DE LIMA DA FONSECA ⊗

(Do livro «Contos da Noite» em yia de publicação).



“...CAMPOS DO MONDEGO,,

A tudo o Génio cria e nutre vida:
Dos ermos brotará, que Êle visite,
E sempre—donde acaso, um dia, habite—
Póde acordar de novo, renascida.

Á fôrça de presente e conhecida
Já esta amena terra mal permite
Que o brando enlevo seu me solicite
A vista, a bem dizer encèguecida.

E todavia eu sinto resurgido
Por vezes, se inda a vê-la os olhos prego,
Todo esse encanto vago, hoje perdido...

—É que oiço memorarem-lhe o socego
Êcos de certo Canto outr'ora erguido
«Nos saúdosos campos do Mondego.»

Coimbra — 914.

⊗ MANUEL DA SILVA GAIO ⊗

O Desenho na Renascença

A guisa de legenda da nossa estampa, que reproduz uma caneca em Estilo Renascença, oferecemos ao leitor profuncória resenha dos caracteres típicos da mesma escola.

O desenho é para a pintura o que o esqueleto é para o corpo humano. Está para as tres artes plásticas assim como a osseologia para a anatomia. Por isso a architectura, a escultura e a pintura se denominam artes de desenho. Dai, talvez, a mitologia conceder ao desenho uma lenda, como a antiguidade só soia dispensar aos fenómenos que mui fundamente a impressionavam, sublimando e divinizando-os.

O desenho tem, pois, o seu mito, a sua lenda, cujo escorço sinto tentações de dar, ainda que, momentâneamente, haja de afastar-me do meu escopo.

Nos remotos tempos de uma antiguidade imprecisa, vivia, em Sicione, enlevada nas vaporosas fantasias de ledó amor, uma gentil jovem, filha do oleiro Dibutade. Abandonada pela phébea divindade, depois de ferida pelo traícoeiro Cupido, a filha de Dibutade arrojou-se nos hirtos braços do Desespêro. Antes, porém, tentou perpêluar as feições do seu amado.

Conseguiu-o, após mil frustrâneas tentativas, rudemente bosquejando em um muro o corpo gentil do pèrfido amante.

Estava descoberto o desenho. Mais uma vez as subtilezas do amor linham esmolado um benéfico serviço à humanidade.

Mas regressando ao nosso intento...

O desenho, como qualquer das artes plásticas, seguindo o caminho do Sol e acompanhando a linha evolutiva das religiões, progrediu de oriente para occidente.

Primeiramente, impotente para imitar a natureza, o desenho limitou-se a traduzi-la por símbolos.

Assim appareceu a primitiva escola *simbólica*.

Depois, a arte, emancipando-se da natureza, procura a perfeição ideal, busca a harmonia perfeita entre a ideia e a sua manifestação.

Desta arte se formou a Escola *Clássica*, onde a estética atinge a culminação. Volvem-se após séculos. O ascetismo místico do cristianismo provoca a decadência das artes.

Mais tarde só, ai pelo raiar do século XVI, é que as influências do humanismo e o estudo dos modelos da antiga Grécia provocaram o resurgimento da arte clássica. Eis a Renascença Artística. Nesta escola a arte do desenho elevou-se ao zênite da perfeição. E', no dizer epifonémico de Henri d'Argis, o momento supremo da síntese artística. Reapparece no desenho a linha pura dos gregos, imponente na sua elegância, perfeita em sua conformidade com o ideal linear do artista. Imitam-se os traços do corpo humano. Copiam-se as galas e adornos da exuberante natureza. Mas não satisfeita a arte com isso, o artista, como diz Vitor Hugo, retoca a natureza, ajuntando alguma coisa à obra de Deus, umas vezes para bem, outras para mal.

Eis o que foi a Renascença na arte do desenho.

☉ AURORA DE CASTRO E GOUVEIA ☉



CANECA DO ESTYLO DO RENASCIMENTO

(ORNAMENTAÇÃO PLASTICA)

(Reprodução de D. Aurora de C. e Gouveia).

A Galéra, n.º 3 (1.ª série)

SANGUE DE INÊS

Sangue de Inês, Coimbra, é o leu ex-voto.

¿ Quem o crime estranha? a morte chora?

Inês, oh mísera, teu nome evóco

Ao ritos da Paisagem que o memóra.

Em teu perfil de maguada Auzente

Que Coimbra de lágrimas incensa,

Teu sangue, oh mártir, exilou em Poente,

Doou-te o Amor espiritual presença.

Teu infortúnio aos meus lábios timbra

— Sanguínea a golpes na hora do sol pôr! —

Que aos outonaes poentes de Coimbra

O sol é em sacrificio ao teu amor.

E, em teu lago, sismático paúl,

Olho as nuvens do céu côr de martírios!

Anda tua Alma pulúindo o Azul

Dorida luz viática de cirios.

E ao que está luz fatídica delira,

E ao que a paisagem tem de insatisfeito,

Com meus dèdos em febre, as mãos na Lira,

Soluçarei cuidados do teu peito.

Meus ais, Fonte das Lágrimas, ouviu-os:

— Holocaustos da Luz, céos em vitral... —

Oh paisagem de místicos suicídios!

Lágrimas — sam amôr em Portugal.

(Da tragédia «Sangue de Inês»)

· AFONSO DUARTE ·

Ave-Maria, gratia plena

(CONTINUAÇÃO)

Fallei n'este celebre quadro e cada vez me convenço mais de que tive razão ao pô-lo em destaque, mórmente se o compararmos com uma das maravilhas do pincel de Sodoma, o *S. Sebastião*. E' facto, eu sei-o bem, que há quem affirme que a *Morte de Lucrecia* desmente essa firmeza romana que tão habituados estamos a admirar, mas ella traduz manifestamente a serenidade do dever cumprido, embora retrate tambem a dôr humana produzida pelo golpe ferido pelo punhal da morte, que, a seu vêr, a redimiui da mancha do adulterio.

A resolução foi energica e terminante e apenas Lucrecia pediu que a sua vida custasse uma vida. Se o prazer de Sexto Tarquinio lhe ha-de custar a vida a ella, é porque Lucrecia tem em muito apreço a vida. Seria preciso ser sobrehumano para que a força physica não alquebrasse a energia moral. Lucrecia provou estar convencida de que a mulher honesta só lava a mancha do adulterio com a vida. Essa sacrificou-a ella nãs aras da Honra, mas, se tinha a dôr muda por haver sido violada, por haver sido ferida na sua honra, igual dôr tinha ao perder a vida.

Na languidez do seu olhar, já, com o lembrar ao marido e ao pae o juramento por elles feito, o "*exoriare aliquis nostris ex ossibus ultur!*", o tomar os céus por testemunha de que a sua alma estava pura. Na verdade, essa candura da alma de Lucrecia, e o crime miseravel, maior por partir d'algum que era recebido como amigo, de Tarquinio, foi o fim da realza em Roma. A bocca entreaberta solta um suspiro pela Vida e os olhos pedem a Morte.

N'essa *Morte de Lucrecia* e no *S. Sebastião* attende-se extraordinariamente á Fôrma, á volupia da carne, e a alma d'esta tela é tanta que **Barrés** não duvidou dizer que **Bazzi** poz mais perturbação no corpo de *S. Sebastião* do que **Vinci** poz nas almas.

Sebastião, o martyr, crivado de setas, tem o mesmo olhar, o mesmo gesto de dôr e confiança que *Lucrecia*, d'essa dôr humana, tão grande e tão lancinante que nem as palmas do martyrio, nem a consciencia do dever cumprido a dominam.

Não obstante, **Max Rooses** considera o *S. Sebastião*, de **Bazzi**, "uma das mais bellas figuras de toda a escola italiana".

O extase e fervor divino que se apoderaram do Martyr não tiveram forças para vencer a dôr do Homem, tanto mais que, como se deu com a *Syncope de Santa Catharina*, era preciso deixar o sobrenatural e dar o visível, ao mesmo tempo que tinha de se traduzir o drama intimo da Bondade e da Fé.

Sendo assim, como podia *Lucrecia* e *Sebastião* sorrir perante a

a Morte, que elles provocaram, sem que no seu rosto apparecesse a dôr? "*Mens agitat molem*" "*et mentem mortalia tangunt*".

Já **Leibnitz** disse que "o corpo é um espirito momentaneo, devendo os jogos phisionomicos, os gestos e as attitudes dos personagens, traduzindo os seus sentimentos, ser objecto do estudo do Artista e por elle traduzidos nas suas obras, pois que elle deve dar-nos o Homem e o estado da sua Alma, como disse **Vinci**."

Estudar o Corpo Humano sem lhe estudar a Alma, os sentimentos, é estudar um cadaver, e este, tiradas todas as imagens que nos enchem de pavor, nada é mais do que materia inerte, bruta, que se decompõe nos seus elementos, que se torna estrume.

A resurreição do Corpo só se faz pela Alma, mercê do Espirito!

Como o Artista, para traduzir o estado da Alma Humana, apenas tem os gestos e os movimentos do corpo, só assim Sodoma pôde traduzir a dôr physica e a psyche de *Lucrecia* e de *Sebastianus*. Depois, quem ha ahí que não saiba que a mesma emoção, a Dôr, varia na sua intensidade, na sua manifestação, com o meio, a idade, o sexo, a profissão, essas mil concorrentes que a nós pedagogistas mais do que a muitos outros importa conhecer? E' a Sciencia ao serviço da Arte, dando-nos os movimentos visiveis, que correspondem aos invisiveis da Alma e a traduzem.

O depoimento de **Rooses** tem a maior importancia, pois que elle, com uma consciencia superior, compendiou todas as obras primas da Pintura das differentes escolas de 1400 a 1800.

Tomando um personagem da Vida Christã, Sodoma regressou á Arte e Plastica gregas, e assim é que *Sebastianus*, general romano, resurge os bellos ephebos da Grecia antiga, a propria imagem da volupia. Bem o mostram os seus braços pedindo caricias, os seus hombros ternos e redondos e as repregas das suas carnes, que mulheres de seducção invejariam.

Em *Sebastião* e em *Lucrecia*, o mesmo rictus nos labios!

Em ambos a mesma angustia nos seus olhos de Luz, agora rasos de lagrimas! A ambos a dôr physica mata na idade do Prazer e do Amor.

Esses olhos são a esphinge que a todos se põe; olhos immortaes e mysteriosos, tão mysteriosos e ambiguos como a *Jocunda*. Nos trez quadros os olhos dos personagens tem alguma coisa de indefinido e vago, que nos occulta o amago da sua Alma, por mais que a sonde-mos e perscrutemos!

Se aproximarmos estes quadros d'uma outra obra magistral de Sodoma, *Syncope de Santa Catharina*, da *Roxane* do quadro referido, da *Verdade* e do *Extase de Santa Thereza*, de **Bernin**, em todos encontramos o mesmo fundo de volupia e de Amor, a mesma ternura ardente no Amor, que é o deus—synthese dos deuses differentes que ellas e elle adoram, a Verdade, o Bello, o Amor!

Em todos os quadros se encontra sempre a busca da Verdade Humana e não a chamada Verdade Historica (nos meus *Revoltados*, em publicação, digo eu o que é uma e outra e apresento o meu criterio ácerca da Historia e da Critica Historica), indo busca-la ao seu proprio coração, motivo porque muitas das figuras d'estes artistas, e tambem de Vinci e outros, se tornaram immortaes, traduzindo profunda e intensamente a Psyché.

Estamos, pois, tratando do Symbolismo na Arte, e na verdade toda a imagem é fundamentalmente um resumo symbolico da ideia formada pelo Artista ácerca do mundo infinito das sensações e das fórmãs. Para bem nos comprehendermos a nós, carecemos de o comprehender a elle, porque, eu disse-o já, o Artista, servindo-se da sua intuição, n'uma linguagem com o seu cunho pessoal, dá-nos as relações que a Sciencia só muito mais tarde conclue, servindo-se da experiencia. Ainda hoje e sempre a Ideia é o que ha de mais util para o Homem.

D'estas considerações se conclue positivamente que só ha Arte onde ha intuição e poder pessoal, cunho proprio, como tambem a utilidade da Ideia se mede pela accumulção das emoções e vontades despertadas, porque prova isso que a fórmula por ella traduzida se adapta á sua funcção, visto o papel da Ideia ser definir essa funcção.

Nós disse-mol-o já tambem vezes tantas, só o Amor é a chamma da Vida e só amandc-se se vive; faz isto que todos aquelles que sabemos viver, os que tomamos parte na aventura terrestre, sejãmos uma vez Poetas, encerremos em nós "toda a poesia do Mundo". Dizemos Poetas porque elle é o cantor da Arte e canta a Arte porque canta o Amor. Canta o Amor na sua harmonia universal, o proprio Amor Sideral, porque tem no seu coração a Fórmã e a Ideia que o completa; porque o Amor existe no seu coração, e elle procura a Mulher, como esta deseja o Homem, estreilando-se os dois n'uma doce communhão d'Espirito, aperfeioando-se na continuacção do seu sangue, dos seus aneios e dos seus beijos.

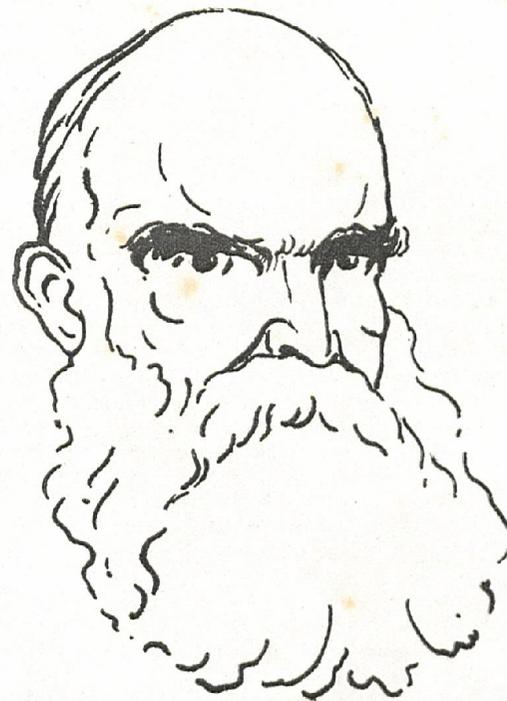
Este Amor é Deus, porque Deus é o calor que tudo anima, as almas e os corpos, e que vemos no sangue que gira na planta, nos milhões de seres que povoam a onda que vem espreguiçar-se na areia, tão indolente e tão lascivamente como a mystica Thereza do cinzel de Bernin.

Deixemos a fórmula tentadora da ideia naturalista de **Guyau**, a moral da piedade de **Schopenhauer** e as dôres moraes, de **Tolstoi**, e regressemos á Vida na Arte e pela Arte!

(Continua).

Thuridinho

DR. TEIXEIRA DE CARVALHO



ARTE E VERDADE

Desenho de
Saul d'Almeida

A Galéra, n.º 3 (1.ª série).

PASTÔR

Ao Ferreira Monteiro.

MEU Deus, olha o mysterio dos teus montes!
Meu Deus, eu sou pastor no teu montado!
A minha sombra ensombra os horisontes;
Treme o rebanho ao vêr o meu cajado.

Serras da minha fé, em cujas fronte
Reza o balido ágreste do meu gado,
Dão-me nas fragas o cantar das fontes;
Dão-me nas giestas as flores do prado!

Pastor eu sou, basta-me a côr trigueira!
Na minha choça, erguida ao ceo da Beira,
Durmo embrulhado n'umas mantas velhas.

A minha frauta é a voz da minha Raça!
Pastor eu sou! Senhor, na tua graça
Eu vou pró monte,— apascentar ovelhas!

Beira Alta, 1914.



IRONIA AMARGA

(Dos « Abandonos », volume
de versos em preparação)

... **A**i, lá vem o cortejo em curvas sensuaes!...
São mimos d'oiro aos quaes, em gritos torturados,
Estendo os braços nus... São tintas e brocados
No mar alto e azul das horas irreaes...

Descende-me um perfume e cinza nos vitraes...
Na sua cadeirinha, entre pendões alados,
Dona Alma a chorar vem, seus sonhos destroçados...
—Rastro de rôto panno em auras triumphaes...

A minha Vida em luz chega arrastadamente...
O Tédio ao luar, com gestos de doente
Deixa o balcão em flôr, vem á porta bronzuada.

E, bôbo ideal, solta a gargalhada á Vida...
E scisma que Ella assim... mimada, entristecida,
E' como uma mulher depois de violada.

Coimbra — Sub-ripas.
Horas Mortas — 10 — V — 914.

Vitor Bettencourt

Crítica de Philosophia e Religiões

(Genese dos phenomenos religiosos em geral)

III

A colaboração anonima e cega de todas as aspirações e desejos que o animal metaphysico—o homem—sente, de todas as impressões que a Psiche humana sofre em face do *surprehendente* e *extraordinario*, o instincto impulsivo, frenetico e irresistivel do homem de querer viver a Verdade e o Bem, de explicar e coordenar as diversas manifestações da natureza physica, psychica e moral, acaso terá sido igualmente o genésico elemento psychologico das religiões occidentaes? Indubitavelmente. O proprio christianismo com todas as suas mais variadas fórmãs, e analysado, não sob as trevas da ignorancia do homem de outras eras, em que todas as religiões, sem divergencia alguma, se apresentavam como um facto divinamente revelado, e todas as Biblias e santas Escripturas eram como que intangiveis depositos do immutavel e infallivel verbo divino, mas, á luz da critica historica que, em todas as manifestações da sua actividade, apenas tem sido determinada por razões scientificas, ou pelo puro e simples desejo de legar á posteridade a noticia das suas glorias e das suas dores, através a cerração mais densa da historia das religiões primitivas, e ainda corroborada pela auctoridade de eminentes criticos de diversas côres, todos porém honestamente sabios, pois, temos por divisa, *prendre son bien partout on le trouve*, o proprio christianismo, repito, assim estudado, é uma resposta, uma satisfação do complexo d'aquellas necessidades.

Passae em revista, sem lentes dogmaticas, todas as suas ideias, todas as suas doutrinas, todas as suas maximas, e, desde o mais absurdo e paradoxal até ao mais sublime e transcendente, em cada texto, em cada pagina e em cada capitulo, ora entre o confuso e o contradictorio, ora entre o lentamente compilado e refocado e o não raras vezes interpolado, consoante as necessidades religiosas das gerações successivas, claramente descobrireis vestigios, traços indeleveis de producto da actividade humana, e gisada profundamente, em todas as phases successivas do seu progressivo desenvolvimento, a imperfeição de obra do coração e cerebro do homem, não ultrapassando o seu conjuncto, um mosaico, uma combinação laboriosa, um syncretismo de diversos phe-

nomenos mutaveis, transitorios e contingentes da universal religiosa psychologia humana, através de um grande numero de gerações. E' que todos os systemas religiosos teem uma origem commum, pela razão bem simples, que a genese das religiões é uma realidade social da grande e universal Consciencia humana, um phenomeno natural da historia, um facto regular e constante das leis positivas, identicas em todos os tempos e em todos os povos, como acontece com os outros phenomenos da Natureza.

Perguntae a um physico, por exemplo, como se formam a chuva, a neve, as trovoadas, etc., que elle não hesitará em responder-vos: sempre que a atmospheria se encontrar saturada de vapores d'agua, e em condições determinadas de humidade, temperatura e electricidade, inevitavelmente hão-de verificar-se aquelles phenomenos.

Consultae a historia: na fria, imparcial e eloquente lição dos seus factos, responder-vos-ha, em idêntica linguagem: todas as vezes que um individuo, uma tribu ou um povo, se encontrar nas condições psychologicas determinadas no artigo immediatamente anterior, fatalmente hão de apparecer as religiões.

N'um e n'outro lado, — sempre o mesmo determinismo fatal das leis da Natureza, o mesmo encadeamento natural dos factos! E' que todas as religiões suppõem igualmente, que o homem alberga nos mais reconditos escaninhos do seu sêr, como um dos instinctos primordiales da sua especie, o sentimento religioso, e igualmente correspondem á necessidade mais imperiosa, tanto do homem primitivo, como do homem civilisado.

E, porque as diversas unidades systematicas de religiões christãs são algumas das multiplas expressões, que teem pretendido traduzir esse sentimento e satisfazer aquella necessidade, ellas necessariamente devem seguir as mesmas leis da genese e elaboração das outras religiões, e, como ellas, participar igualmente da sua sorte e destinos.

Quando, pois, ha vinte seculos, o christianismo despontou do grande coração do Nazareno — o Christo do Ocidente, e foi implantado por Paulo, no seio dos povos de raça aryana, estes não fizeram senão substituir, reformar systemas religiosos de origem humana por uma concepção religiosa nova, mas de origem igualmente humana, e cujos antecedentes, mythos e legendas podem examinar-se e descobrir-se em diversas religiões anteriores, como demonstraremos a seu tempo, quando houvermos de fazer uma exegese serena, acurada, minuciosa e independente, de todas as fontes escriptas e oraes do christianismo e da sua ulterior fôrma mais transcendente — o catholicismo —, e paralelamente o *contrôle* da lei da evolução, em materia religiosa.

De accordo, que as religiões christãs são manifestações religiosas com symbolos e ritos differentes e que, se, *prima facie*, cotejarmos as características que distinguem a religiosidade nos degraus mais infimos

da cultura humana com a dos mais elevados, parecerá não poder estabelecer-se alguma transição entre estes dois extremos. N'um lado, encontraremos a noção d'uma presciencia divina revelando-se pela verificação das leis no mundo moral e physico; no outro, a crença n'um arbitrario e absoluto dictador dos poderes sobre-humanos. N'esta religião, constatar-se-ha a convicção sempre progressiva, que o unico meio de satisfazer as divindades, é servir a Humanidade; n'aquella, descobrir-se-ha a lucta incessante do homem por aplacar as iras dos deuses e implorar-lhes as mercês. N'este povo, prevalecerá o mais nobre e generoso altruismo, a mais desinteressada abnegação, tornando-se a religião um freio, um correctivo dos appetites desordenados; n'aquelle, reinará o mais ignobil e miseravel egoismo, o mais ganancioso lucro e interesse, sendo a religião uma arma na lucta pela vida ou pela gloria e ambição do poder. Aqui, as pueris extravagancias da *necrolatria* cafre, da *zoolatria* americana, do *naturismo* hottentote, do *fetichismo* negro, a perpetuarem, através os seculos, as superstições incoherentes do selvagem prehistorico; além, a religião do Amor e do Dever, prégada por um Jesus, por um Budha, por um Socrates, etc., a proclamarem ás gerações posteras, a elevada idealisação religiosa dos seus genios reformadores. Compreende-se pois, que, vis-à-vis d'este flagrante contraste, muitos espiritos, recusando o titulo de religião a phenomenos que julgam indignos, revindiquem para as mais altas expressões da espiritualisação religiosa, uma origem e natureza especiaes. Mas, analysando mais de perto os factos, poderemos afirmar com Newman, que nenhuma religião é falsa por maiores erros que contenha, e que, em todas as superstições, ainda as mais grosseiras, se descobre um germen de verdade — *a soul of truth* —, como conclue Herbert Spencer.

Como as religiões christãs, portanto, que se adaptam e correspondem mais perfeitamente ás aspirações e tendencias finissimas, delicadas e transcendentis da alma mystica dos povos do Ocidente, tambem os systemas religiosos mais rudes das tribus nomadas teem o mesmo character, a mesma razão de ser, porque estão associados ás mesmas necessidades, idêntico é o fim e a funcção é a mesma. Todas as divergencias de culto e *credo*, ás vezes profundas e radicaes, que, n'este caso, demonstram efficazmente o relativismo religioso, a contingencia das crenças, da realidade da sua vida, isto é, da necessidade da sua morte, são consequencias dos mesmos principios que, adaptados a um novo ambiente, incorporados a uma diversa raça e a um corpo novo, consubstanciados n'um espirito dominado por novos conhecimentos, costumes e diversas instituições, vivendo n'um outro mundo e com um novo sol quiçá a alumiar-o, produzem, aqui e além, fôrmas religiosas diferenciadas. E' que o *modus quo* de evolução não é fixo nem determinado, porque é impossivel prever as fôrmas que o seu ritmo adoptará, as multiplas circumstancias fortuitas, *hic et nunc*, que, na

verdade, escapam a toda a fórmula e no entanto exercem uma poderosa influencia determinante na elaboração de todas as religiões. Em todos os casos, porém, é sempre a mesma consciencia e vida religiosa da humanidade, que, evolucionando d'uma concepção religiosa para outra, pelas mesmas vias e razões, vive e braceja, por toda a parte, por variegadas maneiras, esforçando-se como o Prometheu da fabula, por desvendar os Céus e as Divindades.

A este proposito, é bella a imagem, que Barrow empregou no 1.º Congresso das Religiões, celebrado em Chicago, em 1893: "As diversas religiões são pulsações d'um *mesmo* coração, que palpita sob ritos differentes e costumes sacerdotaes os mais excéntricos".

N'este *mare magnum* de systemas religiosos, o que é instavel, é o conceito do Absoluto, do Incomprehensível, que na phrase de Seailles, ora se eleva, ora se abaixa, ora cresce, ora diminue, á mercê das diversas cambiantes da consciencia e phantasia humanas, que por seu proprio esforço e actividade crearam aquele Ideal. Assim os proprios deuses, objecto do culto da humanidade, são fórmulas diversas, mais ou menos imperfeitas, com que os differentes povos revestem os phenomenos religiosos: as religiões são a linguagem, um epiphonema com o qual procuram exprimir, satisfazer e comprehender essas religiosas realidades phenomenicas, o reflexo, uma modalidade mais ou menos complexa da sua mystica animalidade que, de gerações em gerações, incarna imagens differentes, que, por sua vez, n'um futuro talvez não longinquo, com uma historia mais ou menos repleta de subtilezas doutrinarias e, portanto, de numerosos e variados recursos para a experiencia critica, — eis um dos privilegios das fórmulas religiosas christãs —, se sumirão na voragem do Tempo, ficando sempre vivo, sem perder a coragem no meio d'estas ruinas, o sentimento religioso que, incansavelmente, com as mesmas pedras do derruido edificio mas com cimentos novos, fabricará outros deuses, creará novas crenças, e tudo isto, repelindo-se talvez n'uma série indefinida, até que o homem deixe de ser homem, porque será n'essa hora suprema, que cessará de sonhar a consoladora chimera da Verdade e do Bem eterno e immutavel.

Eis porque, criteriosamente, escreveu Benjamin Constant, ácerca da unidade genesica de todas as religiões, intrinsicamente alliada á unidade do espirito humano em materia religiosa: "Não é nos symbolos nem nas doutrinas que deve procurar-se a unidade religiosa, mas na natureza humana, pois que só ella é a unica fonte de todas as religiões, o germen de todas as modificações que soffrem."

(Continua).

⊙ J. MATHIAS LOPES ⊙

QUADRO DE AMOR

○ Luz branca do meu dia, Senhora da minha Guia, Vem sentar-te ao pé de mim... O' minha Hostia de aurora, Recosta-te um pouco agora E fita os olhos em mim.	Tornemos a desuni-las, (Olha-me bem nas pupilas!) Para as tornarmos a unir; Agora mais forte um pouco... Cautela, fazes-me louco, Louco de tanto sentir!...
---	--

Sonhemos... que graça a tua!... Parece que a branca lua Te anda no rosto a boiar; Os teus olhos nos meus olhos... Dizem os teus aos meus olhos O que Deus 'stá p'ra nos dar.	Os teus braços nos meus braços... Dá-me beijos e abraços Na graça d'esse teu modo! Beija-me mais, mais ainda... Nos teus braços, Pomba linda, Quero enlouquecer de todo...
---	---

Os labios... devagarinho... De modo que o teu carinho Me embriague mansamente... A tua bôca na minha, Uma á outra colladinha, Teem um ar tão contente!...	Labios com labios unidos, Braços nos braços flêtidos, Os olhos nos olhos postos... Uma penumbra macia Languidamente esbatia, Envolvendo os nossos rostos.
--	--

Mathias Lopes

A' Banca

Registam-se todas as publicações recebidas. Das obras de que sejam recebidos dois exemplares, dar-se-ha noticia critica.

Comptes-rendus sur les livres paraissants soit en langue portugaise, soit en tout autre langue, pouvu que deux exemplaires en soient envoyés à la redaction.

NOS BRAÇOS DA CRUZ, versos de Garcia Pulido — Edição da «Livreria França Amado» — Coimbra.

Sob a nossa severa toga de critico pomos sempre de parte amizades e sympathias.

E' o que fazemos, preferindo sermos justos a louvaminheiros.

O livro de Garcia Pulido viéra trazer-nos aquelle alvoroço em que ficamos quando nos cae na banca a extraordinaria nova de que houve quem dêsse á nossa litteratura, obra de mór valia.

Foi de manhã.

A' noite, lemos o livro com enthusiasmo.

As cento e tal paginas de que se compõe *Nos Braços da Cruz*, modestas e formosas, são a peregrinação de uma mente magnifica que tem lido mais no livro aberto da existencia do que nos volumes arrumados com enfado nas estantes das bibliothecas e que tem aquella amarga certeza de que a Vida não são aneddotas.

Nos *Braços da Cruz*, ao contrario do que muitos julgaram, é toda a poesia logica de uma sensibilidade que vergastou uma sociedade cheia de ridiculos e de miserias.

E', quasi só, o grito de amor de um uberrimo coração; a oração cheia de «nuances», sinceras quasi sempre; emfim, a ancia invencivel de isolamento

na qual o sarcastico Pulido da prosa castigante esquecida, enternecida, abandonadamente reza á Familia, ao Lar, á Terra que o viu nascer, ao Nada, ao Tudo n'uma ascensão para o Além, n'um, como Elle diz, *já não sentir d'aquem que já sentiu, na d:rrogada da sua alma*, onde Elle diz existirem como habitantes aquelles ventos de abandono tão nossos conhecidos.

Nos Braços da Cruz é um livro quasi inteiro de amor, mas quasi nada banal, que se lê de um folego, deixando-nos o espirito cariciosamente impressionado.

«Quando duas boccas se juntam para apprenderem a eternidade na cegueira de um desejo, a ironia, occultamente, contorce o rosto dos amantes», disse-o algures um amigo nosso e ex-condiscipulo que entre nós teve fama de intelligente e que hoje se não acha por certo feliz em ser doutor como toda a gente.

N'este livro não poderia o nosso doutor encontrar base para a sua affirmativa, aliás acertada.

As boccas juntam-se, é certo; porém, a ironia não apparece a contorcer os rostos.

E' que a cobre o véu de uma arte quasi na posse suprema de si propria.

O artista encastôa nos seus versos duas almas robustecidas tristemente na desgraça uma da outra, e fa-lo sob o palôr do luar bendito da memoria do Pae morto e do sol dos beijos da Mãe viva e desolada, ao calor de um certo olhar azul que o unge doce e enternecedoramente.

Os seus nervos correm livres e o coração fala embaladoramente a dar a *Imagem reflectida* n'um desespero cheio de suavidades de lago de aguas mortas e espelhentas.

E então, pelas paginas que foram branquissimas, prepassam de braço dado a Observação, a Meditação e a Descrição levando ao diante a Inspiração alimentada docemente de ternura e intimidade, saudade, duvida e muita tristeza.

E não é a emotividade exterior que impressiona, é a sua dôr, é o coração do poeta que se nos communica a dizer-nos que *não é mentiroso* e que *por mais que diga não consegue dar o que sente*.

Mesmo na terceira parte do livro em que Elle evoca e faz viver o seu baixo-Alemtejo, com os seus montados, as suas planicies razas, os seus eccos do passado e da moirama, com a ama velha, as romarias com cantos alegres de dôr e os seus descampados; mesmo ahi, a emotividade é interior.

E ficamos com a impressão de que a sua alma não é a alma do descampado, mas que a d'este é, pelo contrario, a do descampado da sua alma e que aquella romaria vae errando, como Elle diz, *nas tristezas do limbo triste da sua alma*.

E é tal a emoção, que os olhos acariciam e os sentidos perdem-se-nos a ouvir a voz que vamos dizer do nosso proprio coração a esparrinhar tudo o que o poeta quiz nos seus *destrambelamentos*, e a que não falta elevação, delicadeza e originalidade...

De embebedos que iamos caminhando suavemente atrás da magia triste com azas de claridade ia-nos passando despercebida a fôrma, quasi sempre exemplar e vasada em moldes onde cabe á larga e condignamente no vigor e na harmonia da elaboração intellectual.

Com effeito, Garcia Pulido poucas vezes não attinge uma fôrma admiravel de correcção, de elasticidade, de harmonia e de verdade.

Não cuidem que exaggeramos.

Basta lermos os primores da *Cheia de Graça*, do *Mysterio da Planicie*, das *Almas penadas*, da *Carta da Ronda de Fantasmias*, do *Olhando Deus*, e para exemplo, os d'estes versos da *Maria* que abarcam a tristeza, a lassidão da chimera acariciada e esbandalhada que corre por todo o livro e que só Elle sente com toda a justeza porque *a nossa dôr ninguem a sente como nós, ninguem... e porque por mais que sintamos a dôr da outra gente apenas nos enche a dôr que em nossa alma temos*.

Escutamos:

«Não pôde ser alegre a nossa vida
Por mais que queira os olhos enganar,
Quando te vê sempre a seu lado erguida
Minha alma, sem querer, pôe-se a chorar.

Porquê não sei. Vá lá saber a gente
Porque se chora sem saber porquê!
Isto que sinto toda a gente o sente

Etc. Uma linguagem d'uma limpeza perfeita, de uma naturalidade que encanta.

Synthese: Garcia Pulido é poeta; Garcia Pulido triumphará; Garcia Pulido pôde crear, antes, avigorar uma arte sua, filha do seu temperamento de eleito que o faz um poeta simples, verdadeiramente humano e original afóra da decadencia manifesta da rotina que cria diariamente tantissima ninharia.

Para isso precisa salvar-se de uns pequenos deslises faceis de remediar e em que, ora a prisão á fôrma prejudica a ideia, ora esta prejudica aquella; precisa libertar-se de, felizmente, pequenas influencias exaggeradas de fôrma facilmente reconheciveis e ainda, fixar-se definitivamente e não andar sempre a mudar como confessa no seu *Poema Nevrotico*, de uma meditação originalissima.

E' de notar que, com esta nossa observação, só queremos affirmar a mudança no curso ideologico que no livro se dá a dentro da ultima parte, deixando-nos um sabor de irregularidade e incerteza, uma falta de homogeneidade que, a nosso vêr, deve ser essencial a toda a perfeita obra de arte e nunca aquella logica menos verdadeira de volume para volume que, como já provamos, não existe na obra de Pulido que segue mathematicamente a curva eliptica do seu temperamento de combatente que vibra *na dôr que todo o munda sente, na dôr immensa de viver*.

Quero com isto dizer, e para sermos mais claros, que o livro *Nos Braços da Cruz* deveria terminar no *Meu Lar* e quando muito, no *Tempo* e que portanto as *Ossadas*, *Vertigem do Nada*, *Allucinado na Noite*, *Eterna Dôr*, e finalmente, o *Poema Nevrotico* deveria

o poeta bani-los do volume onde pelo seu cunho accentuadamente philosophico estão a destoar do pessoalissimo lyrismo das outras composições.

De resto, nada teria perdido Pulido se assim o tivesse feito, porque se por um lado estas composições, concebidas na mais febril agitação interior, são bellas, por acaso, são também aquellas onde a fôrma é menos pessoal.

Bem vemos: não fomos benevolentes.

Não o costumamos ser em critica e mórmente quando se nos apresenta um estreade de envergadura, quasi na plena posse da sua arte.

Se mais adjectivos acerados não podémos arrancar para os brandir contra o poeta, como uma autentica lamina de Tolêdo, foi porque não podémos.

Seria pelo que vimos através um prisma que nos dá a illusão de luminoso?

Talvez.

E agora, que todos os parvos se recostem agradavelmente em conversadeiras, que leiam o poeta e o comprehendam para não dizerem barbaridades na sua parvo-critica-mania.

Com isto, ó imbecis a quem cabe a carapuça, sómente tereis a ganhar, porque o livro que desejaríamos menos triste não é de uma tristeza piégas, antes, é a lição de alma que nos dá, uma das figuras menos características da moderna geração coimbrã, que nos prelecciona, um rapaz de rosto insinuante, illuminado pela viva luz de um olhar intelligente e bom, um rapaz de frente ampla e cabeça erguida onde a Vida peineou já neve e que de longe em longe surge na Luza dos estudantes, querido dos Mestres e dos companheiros, corcovado, sonhador, domador de certas bestias, figura bizarra e errante das alamedas do «Botanico» nos dias de sol.

MISSAL DE TROVAS, de Antonio Ferro e Augusto Cunha — Edição da «Livraria Ferreira, Lt.ª» — Lisboa.

Livro bem impresso a que uma capa exquisita dá um arsinho patusco.

De resto, dizermos que o miolo tem um grande relevo e está cheio de lin-

das imagens, etc. seria cavalgarmos o Elogio pela Estrada da Mentira.

Ainda que no genero popular, o lyrico é falho de inspiração.

Da sua leitura ficou-nos a impressão de uma pouca de terra onde serão muitas as flôres, mas onde a maior parte estão a pedir muita agua.

No livro, em que todavia ha quadras interessantes, destaco as do Snr. Cunha porque do outro auctor que conheço, o Snr. Antonio Ferro—poeta de sentimento, esperava muito mais.

Para terminar: de ambos ainda novos e animosos, ficamos aguardando obra mais pensada.

Que, meus amigos: mesmo dar á luz quadras populares, não é só, como muitos julgam, enfeixar piéguices eivadas de suspiros parvinhos ou de pretenso piada!

Quando o povo lança uma quadra, eu sei, dois versos são disparate, mas os outros dois tem genio.

NUMA DROZ, *Manual de Instrução Cívica* (versão portugueza). — Edição da «Livraria Aillaud, Alves & C.ª», Lisboa.

É uma edição economica mas ajeitada de um livro «bello e sadio», como diz João de Barros, o auctor da conscienciosa versão, o admiravel espirito que ha bem pouco nos deu o «*Ode á Belgica*», um dos mais inspirados trabalhos da nossa moderna litteratura e edição primorosa da mesma casa editora.

Emfim, um volume barato e que muito precisa ser lido em Portugal.

CANTARES, de Joaquim Correia da Costa. Edição muito elegante da «Livraria Ferreira, Lt.ª», Lisboa.

Versos dos 17 e 18 annos precedidos de um d'esses rosarios de opiniões com que agora soe ser triste moda abrir todos os livros e que antes o moço, como diz e muito bem, o poeta que assigna uma das opiniões deveria guardar para si como uma oração de sensibilidade.

Porém, seria injustiça o não dizer-

mos que se esta estreia, como tal, não é, nem pôde deixar de ser, uma obra impeccavel, revela ainda assim, da parte do novo poeta, dotes apreciaveis, que o estudo ha-de aperfeiçoar.

O livrinho, que uma grande simplicidade caracteriza, por vezes, torna-se palpitante de affectuosos sentimentos e doces emoções.

CONCESSÕES DE SERVIÇOS PUBLICOS (sua natureza juridica), de João M. Tello de Magalhães Collaço. Coimbra, «Imprensa da Universidade».

N'este seu magnifico estudo não desmente o sr. Magalhães Collaço o conceito que d'Elle temos de creatura que tem defeitos como toda a gente, mas que é intelligente e tem methodo no que escreve como os que sabem escrever.

A sua dissertação está lucidamente deduzida e escripta com serenidade, em termos claros, e concisos e firmes, dando-nos sempre uma linguagem tilintante e requintada por vezes, que na sua belleza e harmonia faz ressaltar, através do ingrato do objectivo, sempre observado, o estylista primoroso que de ha muito conhecemos e ao qual nos ligam, não obstante, recordações de boa camaradagem.

CAMILLO DE PERFIL, de Antonio Cabral. Edição da «Livraria Aillaud, Alves & C.ª», Lisboa.

Não nos enganamos no juizo resultante de uma leitura a correr. Agora, que lêmos o livro com attenção, só temos a acrescentar que se o estylo do sr. Antonio Cabral lhe dá uma prosa fulgurante, em paginas de rara emoção na sua grande e constante admiração pelo Mestre, esta, nem sempre, como o vem provando o nosso amigo dr. Teixeira de Carvalho, foi d'aquella rigorosidade historica que era para desejar n'um trabalho que se lê com muito agrado, como livro admiravelmente escripto em bom portuguez e revelador de uma superior mentalidade que á erudição allia os

dotes de um escriptor de alta envergadura e que sabe amar a sua terra.

A ARTE MUSICAL (Revista quinzenal de musica e theatros). Lisboa —Praça dos Restauradores.

É uma revista superiormente ridigida ha seis annos pela competencia indiscutivel de Michel' Angelo Lambertini.

Recebido o n.º 384 do 6.º anno, com um curiosissimo e bem elaborado artigo que promete continuar, sujeito ao suggestivo titulo: *A Esthetica do Som*.



De Fauteuil

A COMPANHIA CARAMBA, no *Theatro Avenida*.

Pondo de parte, com a devida vénia, o catonismo de certos creaturos que achincalham a opereta dizendo-a pequenissima de mais e um genero de arte inferior, toda de artificio e interessando-os sómente pelas combinações scenographicas e finaes de effeito e que portanto, não admittem que sejam necessarias aos libretistas e aos compositores muitas facultades de technica e de espirito; accentuando que a opereta já não é alheia á verdadeira Arte do teatro, que dada a grande evolução por ella soffrida nos ultimos tempos é necessario ser-se *alguem* que merece attenção, muito *alguem* até, para produzir uma opereta que *marque*, diremos que de todas as *troupes* que nos tem visitado esta, com o seu escolhido repertorio em que entram operas comicas de responsabilidade, se avantajou pela igualdade do seu conjuncto, sua esplendida apresentação, magnifico desempenho e boa musica.

Fez bem a arrojada empreza do «Theatro Avenida» contractando esta companhia que, diga-se de passagem, víramos em Lisboa com mais elementos.

Comtudo, não se poupando aos gastos que trazem sempre taes empreendimentos, é de louvar a empreza que, felizmente, vae fazendo presidir aos espectaculos que organisa, muito esmero e consciencia artistica.

Que o publico sabe corresponder a estes esforços prova-o a assistencia que vimos n'estas recitas, numerosissima e bastante selecta, enchendo totalmente os camarotes e fauteuils.

Mas vamos ás notas que tomamos das audições da bellissima companhia, que nas primeiras noites não correspondeu aos reclamos, mas que depois, podemos affirmar-o, se salvou por completo:

Eva, de Franz Lehar:

Opera comica muito conhecida. Scenas interessantes, algumas com um certo *tic* dramatico. Musica inspirada. Interpetração boa, em que se salientaram as Snr.^{as} Ivanisi — interessantissima e uma bella voz de soprano, e Csillag — creaturinha cheia de graça e vivacidade, e o Snr. Eurico Valle — um bellissimo comico.

Scenario bom, valorizado pelos feitos de luz electrica. *Mise-en-scène* conscienciosa, principalmente no 2.^o acto. Córos um pouco desafinados. Orchestra, correcta.

Bella Risetie, de Léo Fall:

Pretexto para a estrutura da peça uma lenda interessantissima. Obra musical cheia de phantasia de compositor, melodias, valsas e paginas de hilaridade.

Guarda-roupa luxuoso e apropriado. Desempenho superior, principalmente da parte da Snr.^a Stefi Csillag «Princesa Margot», e dos Surs. Gonsalvo e Eurico Valle.

Scenario soberbo de detalhes e colorido, admiravelmente concebido a que davam realce as cambiantes de luz.

Linda, a granja do 2.^o acto e o par-que real. *Mise-en-scène*, optima no 3.^o acto. Orchestra, bem.

Melbruk, de Leoncavallo:

Comedia lyrica com laiyos de farça, architectada sobre um interessante canto medieval.

Musica a dizer com justeza todo o humorismo que perpassa pelo libreto

que, se não estamos em erro, é do Snr. Angelo Nessi. Desempenho notavel da massa coral, orchestra e dos interpetres, mórmente o da Snr.^a Ivanisi, Italia del Lago, baritono Tessari e Luigi Gonsalvo.

Scenarios primorosos pelo bello da perspectiva: no 2.^o acto o jardim do Castello de Melbruk e no 3.^o o vestibulo do mesmo.

Amor de Zingaro, de Franz Lehar:

E' uma opera comica de contextura caprichosa e felicissima, já conhecida em portuguez.

A acção é diluida mas interessante.

Tem grandes responsabilidades esta opera, mas ellas foram facilmente vencidas pela Companhia «Caramba».

Salientaram-se na interpetração a Snr.^a Maria Ivanisi que nos dá uma «Zorica» cheia de belleza e plastica, a Snr.^a Coillay na «Ilona», castellã hungara, a Snr.^a del Lago e ainda uma outra artista de que nos não lembra o nome.

Da parte masculina destacamos os Snrs. Pasquini, um actor de raro merecimento, e Ernesto Treves e Borghe-se, que deram relevo aos seus papeis.

Mise-en-scène e scenario deslumbrantes. Guarda-roupa faustoso e de bom gosto. Córos e orchestra muito bem, principalmente nos concertantes finaes.

A filha da Snr.^a Anzot, de Lecocq:

Linda opera-comica já conhecida nossa, em portuguez, dos saudosos tempos da «Trindade», em Lisboa.

Musica bonita e ligeira. Interpetração feliz das snr.^{as} Maria Stellina, Cenemi e Italia del Lago, e dos srs. Pasquini muito bem no «Pitou», Micheluzzi e Luigi Gonsalvo.

Guarda roupa, rigoroso. Córos e orchestra, afinados. Scenario e *mise-en-scène*, esplendidos.

Para terminar salientamos ainda o sr. Eurico Valle, como director de scena que conhece theatro, e o sr. Bellezza, que é uma batuta intelligentissima, suggestiva e dominadora.

Emfim, felicitações á empreza pelas noites d'Arte que nos proporcionou, e desejos de que não desanime e continue na sua magnifica orientação.

EXPEDIENTE

- ❖ Toda a correspondencia deve ser dirigida á redacção.
- ❖ Toda a collaboração é solicitada.
- ❖ É respeitada a orthographia dos auctores.
- ❖ Obtida a collaboração do distincto artista Gabriel Tinoco.
- ❖ No próximo numero versos de Sá Carneiro, Alfredo Guisado, e Moffa Guedes, e prosa de Fidelino Figueiredo, Teixeira de Carvalho e Carlos Candido.
- ❖ No último numero, o segundo de «A Galera», por descuido, no 3.^o verso de o «Barbaro» sahio uma gralha importante: Em vez de: *Mina a luxuria o nu — Salomé asiatica...*, era: *Mina a luxuria a nua — Salomé asiatica*. Que o poeta admirado que é Mario de Sá Carneiro, nos desculpe o facto que bastante nos desgostou.
- ❖ Aceitam-se correspondentes em todas as terras do paiz e no estrangeiro.

EM BREVES DIAS

REVOLTADOS

1 vol. (Desbravando terreno)

por J. E. da Costa Cabral.

F. FRANÇA & ARMENIO

LIVREIROS EDITORES

Livros nacionaes e estrangeiros. Assignaturas para todas as revistas e jornaes do mundo

Arco d'Almedina, 2 — COIMBRA

F. FRANÇA AMADO

LIVREIRO-EDITOR

Rua Ferreira Borges — COIMBRA

Correspondencia directa com os principaes centros litterarios

VAGO

